

29 de setembro de 2020

Boletim n. 03 – A questão étnico-racial em tempos de crise

Neste Boletim n. 03, *Maria Railma Alves (UNIMONTES)* discorre sobre os desafios da permanência enfrentados por estudantes pretos e pardos do Ensino Fundamental e Médio de uma escola pública do estado de Minas Gerais. As dificuldades são expostas por trechos de depoimentos de estudantes e dados do Censo da Educação Básica sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Ademais, relata-se um caso de racismo naturalizado através de “brincadeira”, considerado pela autora como um problema crucial para a Educação Pública brasileira no contexto da crise de Covid/19, pois, aponta para um aprofundamento das desigualdades étnico-raciais que, em última análise, põe em xeque a ideia de educação pública como direito público subjetivo.

“Quem Apagou a Luz?”: desigualdades étnico-raciais e os desafios históricos da permanência na escola de jovens negros no contexto da pandemia da Covid-19

Por Maria Railma Alves



Foto: Mulheres em protesto por uma educação antirracista e feminista. Disponível em <<https://impulsa.voto/plataforma-de-ensino-oferece-educacao-antirracista-e-feminista/>>, acesso em 28 de setembro de 2020.

O abandono escolar, estigma, discriminação (raça/cor), o efeito de lugar, o retraimento (DUBET, 2003), têm sido uma barreira imposta na trajetória escolar dos estudantes, o que contribui para a não continuidade no processo de formação e a constituição de novos arranjos para a manutenção e multiplicação das desigualdades escolares e educacionais na contemporaneidade. Nessa fronteira, as narrativas de adolescentes e jovens pardos e pretos (negros), de idade entre 14 e 22 anos, merecem

29 de setembro de 2020

Boletim n. 03 – A questão étnico-racial em tempos de crise

destaque. Meninos, meninas, moças e rapazes das comunidades e territórios que disputavam a atenção, a escuta, a merenda escolar e lutavam para vencer o cansaço, a violência, o medo, a fome e outras mazelas sociais e culturais.

Dessa trajetória, é importante assinalar que à medida que apreendiam o ambiente escolar, os adolescentes e jovens se destacavam através de práticas sociais diversificadas, consideradas fundamentais sobre as vivências da juventude. Elas se inscreviam, em “um momento cujo núcleo central é constituído de mudanças do corpo, dos afetos, das referências sociais e relacionais”, e também em “momento no qual se vive de forma mais intensa um conjunto de transformações que vão estar presentes, de algum modo, ao longo da vida”. (DAYRELL, 2003, p. 42). Tais momentos foram apreendidos no ambiente escolar, ajudando a entender os aspectos singulares da juventude no contexto atual. Para ilustrar as dificuldades enfrentadas pelos jovens pardos e pretos (negros)¹ na trajetória escolar, são expostos a seguir alguns trechos dos seus depoimentos.

O primeiro é da estudante Diana Silva, do 1o ano do Ensino Médio (EM), 18 anos de idade, com defasagem idade/série de 03 anos, raça/cor parda. A estudante expõe suas dificuldades no acesso à escola e de compreensão dos conteúdos de matemática, biologia e química, que são aqui registradas: “Eu levantava às cinco e meia da manhã pra pegar o ônibus. Aí eu entrava já dentro da sala de aula cansada. Na hora que o professor ia pra passar aquelas matérias, na maioria das vezes, eu dormia um, dois horários na sala de aula”.

É também nesse cenário que o jovem Péricles Vieira (17 anos, raça/cor preto e aluno do 1o ano do EM - 02 anos de defasagem idade-série), obeso e semblante triste, manifestou sua amargura sobre o lugar de origem e suas dificuldades na escola: “Nasci nesse inferno, me criei nesse inferno e vivo nesse inferno. Desde que entrei na escola na minha cabeça não passa nem prego. É muito sofrimento. A única coisa que me anima é música”.

À vista desses casos, a escola, nesse processo, parece que não representa a possibilidade de adolescentes e jovens desprovidos de um mínimo de recursos sociais, econômicos e culturais mudarem suas trajetórias pessoais e superarem tais barreiras. Além do mais, outras variáveis se impõem às tentativas de “desbravar” os emaranhados que envolvem a estrutura do espaço social, constituindo-se em um desafio permanente. Nesse processo, estabelecer novos caminhos para a percepção dos “efeitos de lugar” (BOURDIEU, 2012) na trajetória escolar do jovem é um exercício necessário.

¹ Durante os diálogos estabelecidos, anterior a pandemia da COVID/19, em uma escola pública do Ensino Fundamental e Médio (Minas Gerais), com os adolescentes e jovens no ambiente escolar, as indagações sobre raça/cor seguiram as orientações estabelecidas pelo IBGE (branca, parda, preta, amarelo, indígena, não declarada) e do levantamento do Censo Escolar. É importante ressaltar, também, que os nomes dos/das adolescentes e jovens não correspondem aos originais.

29 de setembro de 2020

Boletim n. 03 – A questão étnico-racial em tempos de crise

Outro jovem de 20 anos – Pedro Paulo Souza, casado, raça/cor preto -, aluno do 2o ano da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e com defasagem escolar de 04 anos, deu o seguinte depoimento sobre os problemas enfrentados: “Tomei bomba no primeiro ano do Ensino Médio. Português, inglês e química. Aí eu fiz a EJA no primeiro, e quando eu ia pular pro segundo, eu desisti.” O trabalho, a carga horária das aulas, a gravidez da namorada e o relacionamento conjugal contribuíram para a repetência.

A defasagem idade-série afeta, de forma bastante significativa, os estudantes pardos e pretos. Neste particular, os dados do Censo da Educação Básica/2019 reforçam e apontam para o seguinte diagnóstico: “pretos e pardos representam 75,8% do EJA fundamental e 67,8% do EJA médio em relação à matrícula dos alunos com informação de cor/raça declarada.” (INEP/MEC, 2020, p. 39).

Outras cenas protagonizadas entre os alunos foram apreendidas a partir das brincadeiras e dos risos – outra faceta da depreciação estética associada ao preconceito e discriminação racial - bem naturalizadas no espaço escolar. Dessa prática, destaca-se a experiência do jovem Nathan Silvestre, (17 anos, idade-série correspondentes, raça/cor preto, 3o ano do EM), que constantemente aparecia na porta da sala do 1o ano EM – um estudante bastante tranquilo e que se identificava como “carregado na tinta”, referindo-se à própria cor. E, sempre que aparecia, ouvia-se de outros estudantes: “Quem apagou a luz?!” , “Aí, gente, tá tudo escuro aqui! Alguém apagou a luz?!”; “Acende a luz aí, professora, escureceu tudo!”. Alguns colegas riam e os professores não problematizavam a questão. Em alguns momentos, o jovem apenas sorria ou dizia: “Sou carregado na tinta mesmo.” As brincadeiras naturalizadas no cotidiano escolar e expressas através do riso, por exemplo, revelam o lugar do preconceito. Segundo Dahia (2008, p. 703/704), “em torno da piada racista, o riso instaura certa sociabilidade que tem como fundamento a desqualificação do objeto risível e o prazer catártico resultante da sua inscrição nesse lugar”. Assim, “tornar alguém ou algo risível é destituí-lo de poder, é enfraquecê-lo, é infantilizá-lo”.

Nessa dinâmica, a pergunta “Quem apagou a luz?!”, apresentada no formato de “brincadeira”, constitui-se em um problema crucial para a Educação Pública brasileira no contexto da crise estabelecida pela pandemia da COVID/19, isto porque ela aponta para um maior aprofundamento das desigualdades étnico-raciais a partir da constatação da falta de formação e estrutura para garantia do ensino, a ausência de recursos tecnológicos para a modalidade de ensino a distância, falta de acesso à merenda escolar, desvantagens em relação aos jovens do ensino privado para encerramento do ensino médio e garantia no processo de realização do Enem, a imprecisão sobre a retomada do ensino presencial, falta de apoio aos profissionais da educação para produção, transmissão de conteúdos através das plataformas e videoaulas, improvisação, salários atrasados, qualidade

29 de setembro de 2020

Boletim n. 03 – A questão étnico-racial em tempos de crise

questionável dos materiais produzidos pelas secretarias de educação, dentre outros marcadores, revelam o cenário de parte da escola pública no país.

Nesse caminho, é possível inferir que, apesar dos avanços no sistema educacional brasileiro, a partir da Constituição de 1988, as desigualdades escolares e educacionais parecem tender a se multiplicar, e a face perversa advinda de tal quadro se manifesta a partir da proliferação do estigma, retraimento, da discriminação e do esvaziamento do sentido da educação como direito público subjetivo.

Referências

ALVES, Maria Railma. *Desigualdades educacionais: discriminação, estigma e retraimento no contexto do ambiente escolar e das novas desigualdades contemporâneas*. 2016. 223 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

BOURDIEU, Pierre. Efeitos de lugar. In: BOURDIEU, Pierre (org). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997. pp 159-166.

BRASIL. Ministério da Educação/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). *Censo da Educação Básica/2019*. Brasília/DF/2020.

DAHIA, Sandra Leal de Melo. A Mediação do Riso na Expressão e Consolidação do Racismo no Brasil. In: *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 23, n. 3, p. 697-720, set./dez. 2008.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. In: *Revista Brasileira de Educação*. Set/Out /Nov /Dez 2003 N. 24.

DUBET, François. A Escola e a Exclusão. Tradução: Neide Luzia de Rezende. In: *Cadernos de Pesquisa*, n. 119, julho/2003.

Maria Railma Alves é Professora de Sociologia do Departamento de Ciências Sociais na UNIMONTES; Doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: maria.railma@unimontes.br – railmalves@hotmail.com.

Este texto é parte de uma série de boletins sequenciais sobre a questão étnico-racial em tempos de crise que está sendo publicada ao longo das próximas semanas. Trata-se de uma ação conjunta que reúne a Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS), a Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), a Associação Brasileira de Antropologia (ABA), a Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP) e a Associação dos Cientistas Sociais da Religião do Mercosul (ACSRM). Esse é um esforço para continuar

29 de setembro de 2020

Boletim n. 03 – A questão étnico-racial em tempos de crise

dando visibilidade ao que produzimos e afirmar a relevância dessas ciências para o enfrentamento da crise que estamos atravessando.

A publicação deste boletim também conta com o apoio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC/SC), da Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia (ANPEGE), da Associação Nacional de Pós-Graduação em História (ANPUH), da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll) e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (Anpur).

Acompanhe e compartilhe!

